

SEXUALIDADE ENQUANTO DISPOSITIVO: (im)possibilidades de viver a bissexualidade

Ana Clara Ramazotti Totti¹
Universidade Estadual de Londrina
Flávia Fernandes de Carvalhaes²
Universidade Estadual de Londrina

Resumo

A partir da localização foucaultiana da sexualidade como dispositivo de controle e da bissexualidade como expressão desviante da cisheteronorma, esta pesquisa analisa vivências de estudantes do ensino superior público que se identificam enquanto bissexuais, destacando os efeitos psicossociais dos estigmas vivenciados por essas pessoas no cotidiano. A partir das perspectivas metodológicas da pesquisa qualitativa e rodas de conversa, foram realizados quatro encontros com estudantes da Universidade Estadual de Londrina, mais especificamente no Serviço de Bem-Estar à Comunidade da referida instituição. A análise das falas dos/das participantes estão organizadas a partir de dois eixos temáticos: a sexualidade como dispositivo de controle e efeitos psicossociais dos processos de estigmatização da bissexualidade. Conclui-se que o papel ético da psicologia neste contexto consiste na nomeação desses discursos que situam a bissexualidade a partir de um viés bifóbico, e de seus efeitos nos modos que sujeitos bissexuais vivenciam e se relacionam com sua sexualidade.

Palavras-chave

Gênero; Bissexualidade; Psicologia.

1 Graduada na Universidade Estadual de Londrina (UEL). ana.clara.totti@uel.br.

2 Doutora. Docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina (UEL). flavia.carvalhaes@uel.br



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos, desde que a obra original seja devidamente citada.

Introdução

Nesta pesquisa analiso parte das vivências de estudantes do ensino superior que se identificam enquanto bissexuais, em diálogo com a perspectiva foucaultiana da sexualidade enquanto um dispositivo de controle social (Louro, 2000). Sendo a bissexualidade situada a partir da modernidade como desviante de uma suposta ordem cisheteronormativa e monossexual, problematizo, sobretudo, efeitos psicossociais dos estigmas vivenciados por essas pessoas no cotidiano (Gómez; Arenas, 2019; Paveltchuk; Borsa; Damásio, 2020). Destaco, ainda, que embora este artigo esteja escrito em primeira pessoa, e eu tenha mediado os debates que circularam nas rodas de conversa, não reivindico autoria única, afinal, as análises foram construídas em diálogo com a coautora, uma pesquisadora que também se identifica como bissexual.

Para compreender a bissexualidade, é importante partir do pressuposto de que cada sujeito experiencia sua sexualidade a seu modo, e que esta, enquanto identidade política, considera os modos de existência e diversidades de um coletivo. Neste sentido, segundo Souza (2021, p. 30), a bissexualidade

não é uma categoria binária, e sim um termo guarda-chuva de autoidentificação de pessoas que se sentem atraídas por mais de um gênero, pelo seu gênero e por outros além do seu, ou por pessoas independente do gênero

Sendo que, atualmente, os/as bissexuais representam a maior parcela quantitativa da comunidade LGBT³ (Gates, 2011, apud Souza, 2021). Logo, não há uma maneira homogênea e categórica de vivenciar a bissexualidade, sendo esta configurada também de modos singulares entre aqueles/as que assim se identificam.

No processo inicial da pesquisa, realizei um levantamento bibliográfico nas plataformas *Scielo*, PEPSIC e LILACS, a partir das palavras-chave: bissexualidade, psicologia e gênero. Nas plataformas *Scielo* e PEPSIC não foram localizados artigos relacionados a estes temas. Já na última plataforma, foram encontrados 981 artigos, os quais foram reduzidos a 10 artigos publicados nos últimos 10 anos (de 2014 a 2024) com a seleção dos filtros “bissexualidade” e “psicologia” enquanto assuntos

3 A pesquisa realizada por Gates (2011) utiliza a sigla LGBT, em referência à população de sujeitos gays, lésbicas, bissexuais e trans. Desta forma, ao utilizar um dado proveniente da pesquisa de Gates utilizarei aqui a sigla LGBT. No restante da pesquisa, utilizo a sigla LGBTQIAPN+ para situar a diversidade sexual e de gênero existente na comunidade até os dias atuais.

principais. Na leitura dos artigos, contudo, constatei que apenas dois dos artigos se encontravam dentro destes critérios. A partir disso, nota-se a escassez de estudos na psicologia brasileira que retratam as vivências de sujeitos/as que se identificam com a bissexualidade. Em concordância, Gómez e Arenas (2019) discorrem que os estudos que se aprofundam nas vivências das sexualidades dissidentes são escassos, ainda mais quando se trata da bissexualidade. Segundo os autores, há um maior enfoque por parte das pesquisas científicas na dicotomia heterossexualidade/homossexualidade, de modo a invisibilizar e invalidar outras identidades sexuais.

Ademais, a psicologia tem, enquanto compromisso ético e político, o exercício contínuo de lutar contra desigualdades sociais, de modo a promover acesso e a garantia de direitos fundamentais da população. Desta forma, faz-se urgente a produção dos saberes localizados e críticos no campo da psicologia, que remetem a problematização acerca dos efeitos psicossociais dos processos de estigmatização e/ou invisibilização de pessoas que se identificam como bissexuais. Segundo a Resolução 08/2022 do Conselho Federal de Psicologia (2022), os profissionais de psicologia devem, em suas práticas, contribuir para a eliminação de todas as formas de violência e estigmatização contra pessoas monodissidentes, de modo a reconhecer as bissexualidades e outras sexualidades não monossexuais como legítimas.

O texto está dividido em quatro partes. Em um primeiro momento problematizamos aspectos metodológicos da pesquisa. Em seguida, a sexualidade é analisada como dispositivo de controle moderno, que opera na localização de modos de existência delimitados como normais ou anormais. Na continuidade, debatemos sobre a localização estigmatizante da bissexualidade como abjeção, problematizando efeitos psicossociais dessa correlação em estudantes que se reconhecem como bissexuais. Como um modo de adensar as análises, os debates teóricos engendrados na segunda e terceira partes estão articulados a trechos de falas dos/as estudantes que participaram das rodas de conversas. Por fim, são apresentadas algumas considerações provisórias da investigação.

Traçado Metodológico

A pesquisa se respaldou na perspectiva qualitativa, a qual, segundo Mansano (2012), possibilita questionamentos subjetivos sobre um problema analisado, a partir da problematização de condições subjetivas e objetivas que interferem na constituição de modos de viver em cada momento histórico. Este processo de produção social se articula na relação constante entre sujeitos e sociedade, sendo esta interpelada por discursos plurais que coexistem em disputa no cotidiano e que implicam em modos normativos de existência, bem como em processos de reinvenção. Nesta perspectiva, o viés qualitativo assume delineamentos políticos e de resistência, em que, ao colocar em destaque problematizações da vida em sociedade, possibilita-se também a produção de mudanças sociais.

Como estratégia de coleta de dados optei por realizar rodas de conversa (Figueirêdo, 2012; Moura, 2014) com estudantes maiores de 18 anos, que se identificam como bissexuais na Universidade Estadual de Londrina. A partir da minha mediação, foram debatidos temas (questões) norteadoras em quatro encontros, que possibilitaram os/as sujeitos/as participantes dialogarem entre si, compartilhando suas opiniões e experiências. As rodas de conversa viabilizaram, portanto, o exercício do "pensar compartilhado" (p.2) e suas reverberações no cotidiano, bem como uma "ressonância coletiva, a construção e reconstrução de conceitos e de argumentos através da escuta e do diálogo com os pares e consigo mesmo" (Moura, 2014, p. 101). Sendo assim, a partir do material coletado, analisei convergências e divergências dos relatos no que se refere aos efeitos psicossociais de experiências vividas.

Dado o exposto, realizamos quatro encontros de uma hora e meia no Serviço de Bem-estar à Comunidade (SEBEC) da Universidade referida, com abertura para no máximo dez pessoas por roda. Para tanto, foi organizado um *post* convidando os/as estudantes, sendo este partilhado em redes sociais e e-mail (lista discente) da instituição. Destacamos que esta proposta de pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina, por meio do parecer no 6.844.604. Deste modo, atendendo às exigências éticas em pesquisa, antes do início de cada roda de conversa, os objetivos da investigação foram apresentados, bem como foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido para

assinatura dos/as participantes, com a explicação sobre riscos e benefícios da participação e a possibilidade de desistência a qualquer momento.

Em cada uma das rodas de conversa foram utilizadas dinâmicas de grupo e disparadores que introduzissem os temas de debate relacionados às experiências de sujeitos/as bissexuais. Na primeira roda, o tema proposto partiu dos significados que cada participante dá à sexualidade e como a vivenciam. Na segunda roda, o tema discutido foi o processo de descoberta da própria sexualidade pelos/as participantes. Na terceira roda, o debate girou em torno das potencialidades e dificuldades vivenciadas nos relacionamentos familiares, amorosos, com amigos, e outros modos de constituição de redes de apoio. Já na quarta e última roda, discutimos as estratégias de enfrentamento que cada participante constrói no cotidiano para lidar com estigmas relacionados à bissexualidade. De modo que em algumas rodas foi possível a participação de um número maior de pessoas em comparação com outras rodas, observei que em dias chuvosos e próximos a datas em que, em contexto universitário, ocorrem avaliações acadêmicas, houve uma menor participação de estudantes. Assim, em ambas as segunda e quarta rodas, datas próximas ao final do bimestre letivo e cujo clima foi caracterizado por temperaturas baixas e chuva, participaram apenas dois alunos, enquanto que nas primeira e terceira rodas participaram cinco e sete pessoas, respectivamente.

Na tabela a seguir, seguem algumas informações dos/as participantes das rodas, sendo os nomes deles/as fictícios. Vale destacar que, ainda que eu tenha selecionado alguns temas disparadores para as conversas nas rodas, os debates foram articulados coletivamente. Deste modo, considerando minha trajetória como pesquisadora que também se reconhece como bissexual, optei por me localizar na tabela com o objetivo de complexificar a análise interseccional dos dados coletados, e por compreender a importância política da produção de saberes encarnados.

Tabela 1: Participantes das rodas voltadas para estudantes bissexuais

Nome fictício	Idade	Gênero	Autodeclaração Racial	Curso	Frequência nas rodas
Jaime	25	Homem Cisgênero	Branco	Ciências Contábeis	uma
Giulia Nettari	21	Mulher Cisgênero	Branca	Psicologia	uma

Aurélio	23	Homem Cisgênero	Negro	Psicologia	uma
Laura	23	Mulher Cisgênero	Parda	Psicologia	uma
Tiê	27	Homem Cisgênero	Branco	Psicologia	duas
Pedro	23	Homem Cisgênero	Pardo	Psicologia	uma
Isis	23	Mulher Cisgênero	Negra	Psicologia	uma
Gustavo	18/19	Homem Cisgênero	Branco	Economia	quatro
Flora	22	Mulher Cisgênero	Parda	Psicologia	uma
Lola	21	Mulher Cisgênero	Amarela	Psicologia	duas
Martina	21	Mulher Cisgênero	Negra	Psicologia	uma
Ana Clara (autora do artigo)	22	Mulher Cisgênero	Branca	Psicologia	quatro

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A seguir problematizo parte dos diálogos realizados durante as rodas, tendo organizado a análise a partir de dois eixos temáticos, a saber: a sexualidade como dispositivo de controle e efeitos psicossociais dos processos de estigmatização da bissexualidade. Os debates teóricos estão articulados a trechos de falas dos/as estudantes que participaram das rodas de conversas.

A sexualidade como dispositivo: arranjos modernos

Segundo Louro (2000), a sexualidade é uma questão social e política e não apenas uma expressão individual. Assim, situamos as sexualidades como produções sociais necessariamente interseccionadas a condições históricas, políticas e relações de poder que possibilitam suas emergências. Ademais, estas são localizadas na presente investigação enquanto um dispositivo histórico, ou seja, como

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (...) o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 1998, p.244).

Deste modo, ao situar a sexualidade enquanto dispositivo, consideramos esta como uma invenção, que se constitui também a partir de discursos e práticas sobre o sexo. Esses discursos, em articulação com as instituições presentes em cada momento histórico, produzem normas e “verdades” sobre os sujeitos e seus modos de viver a dimensão da sexualidade, por meio de uma série de elementos ditos e não-ditos, visíveis e invisibilizados (Louro, 2000). Outrossim, Louro (2000) ainda constata que as identidades são construídas e transformadas em diferentes contextos, instituições, discursos e grupos sociais, sendo que experiências e práticas sexuais são definidas de modos diversos e, por vezes, pejorativos, como a atribuição de anormalidade às vivências bissexuais. Desta forma, os processos de identificação e organização social das diferenças são interpelados por perspectivas normativas instituídas socialmente, bem como por desigualdades e hierarquias engendradas em redes de poder.

Neste sentido, desde a modernidade na cultura ocidental, noções normativas vêm sendo historicamente construídas de modo a remeter vieses de humanidade e normalidade a homens e mulheres brancos, heterossexuais e monogâmicos enquanto referências que devem ser almejadas (Louro, 2000). Em consonância com essa prerrogativa, segundo Butler (2000), há um sistema de sexo-gênero que estrutura a vida em sociedade e que se organiza a partir da afirmação de uma linearidade causal e binária entre vagina, mulher, feminilidade, e cisheterossexualidade, bem como pênis, homem, masculinidade e cisheterossexualidade. Assim, os/as sujeitos/as e modos de existência que não se encontram balizados por esta norma são necessariamente considerados desviantes e, assim, invisibilizados e desvalorizados (Louro, 2000; Butler, 2000).

Deste modo, a cisheterossexualidade é, neste contexto, tomada enquanto referência, como ideal regulatório, sendo a única orientação sexual considerada possível, universal, natural e normal (Louro, 2000). Neste sistema de sexo-gênero, desejos, práticas e orientações sexuais que escapam da cisheteronorma são vistos

e diagnosticados como dissonantes a este modelo, sendo nomeados como anormais e antinaturais (Louro, 2000). Neste sentido, Giulia Nettari conta que

(...) quando eu namorava um homem, eu sentia um alívio, como se eu pudesse me esconder atrás disso, de ter uma relação com alguém do sexo oposto, então não precisasse me preocupar com isso. Quando fiquei solteira, eu fiquei desesperada por pensar que poderia acabar me vendo amando uma mulher.

A partir do relato de Giulia, nota-se novamente como a cisheterossexualidade é tida enquanto única referência possível, de modo que vivências não balizadas pela heteronorma são comumente acompanhadas por intenso sofrimento, sensação de inadequação e risco de confusão dos/as sujeitos/as, em função de serem socialmente desvalorizadas e estigmatizadas. Além disso, nota-se como modelos inteligíveis e padronizados de gênero, que edificam desejos dissidentes como anormais e arriscados, interferem nos processos de subjetivação dos/das participantes das rodas de conversa, sendo que eles/as relataram os medos de se definirem como bissexuais, assim como também relata Giulia:

Quando eu era mais jovem eu sentia um alívio por me relacionar com homens e, depois de um tempo, passei a sentir que esse sentimento era horrível. Um dia comentei que eu sentia isso com meus amigos bi e vários disseram que sentiram o mesmo, e eu me senti muito validada nesse dia e melhor comigo mesma.

A partir do relato de Giulia, observa-se como experiências dissidentes podem ser marcadas por sentimentos conflitantes, relacionados tanto à tentativa de entendimento da própria sexualidade, como à compreensão do que se viveu enquanto experiência subjetiva e coletiva neste processo de autonegação. Destaca-se também na fala de Giulia sobre a importância da articulação de rodas de conversas que possibilitam processos de identificação e coletivização de sofrimentos e demandas, o que, necessariamente, remete a uma das contribuições possíveis no exercício profissional da psicologia.

Destaco, como exemplo, a experiência de Gustavo, o qual participou de todas as rodas de conversa que ocorreram, e que, ao longo dos encontros, tomou a decisão de sair do armário para seus pais. Durante a primeira roda, Gustavo relatou que já havia tido uma conversa com seus pais sobre sua sexualidade, e que desde então isso não havia sido discutido novamente:

Eu já saí do armário para minha família e desde então não falamos mais sobre isso. Não sinto necessidade de ter essa conversa de novo, e eu não sairia do armário enquanto algo que não sou porque seria mais fácil. Não me identifico 100% com a bissexualidade, e ainda to procurando meu próprio jeito de explicar minha sexualidade, pra depois ter essa conversa.

Esse relato demonstra como a experiência de sair do armário é complexa, e que alguns/as sujeitos/as podem ter conversas em que revelam a própria sexualidade a alguém mais de uma vez. Ademais, mesmo Gustavo trazendo em seu relato que “[...] não sinto necessidade de ter essa conversa de novo[...]”, nas trocas que se seguiram ele levanta questionamentos acerca de quando ter essa conversa novamente, como o faria e de que modo seus pais potencialmente reagiriam. Neste sentido, Gustavo relatou, também na primeira roda:

Eu até pensei em sair do armário pros meus pais antes de vir para Londrina, porque tinha o risco deles pensarem que eu vim pra universidade e era só uma fase, então queria que eles soubessem que é desde antes, mas aí eu ia vir morar com um amigo meu, então resolvi só falar sobre isso quando estivesse namorando alguém sério, e então eles poderiam ver e entender melhor [...] Também queria evitar falar para eles ainda morando lá porque eles talvez não filtrariam tão bem e poderiam descontar seus sentimentos em mim, comigo morando longe eles poderiam tirar o tempo deles para aceitar.

Observa-se como Gustavo refletiu sobre diversos aspectos que poderiam afetar o modo de entendimento de seus pais sobre sua sexualidade quando revelada, demonstrando certa preocupação com a reação deles, e, sobretudo, de uma possível incompreensão destes da bissexualidade enquanto modo de existência possível, e não enquanto uma fase temporária. Esse sentimento de Gustavo revela como a bissexualidade é situada, através de discursos sobre a sexualidade, enquanto dissidente, em uma configuração social que situa a cisheterossexualidade enquanto referência e norma que deve ser alcançada. Já no quarto e último encontro, Gustavo relatou:

Esse final de semana eu saí do armário pros meus pais, por áudio do whatsapp. Eu sou de outra cidade que é meio longe daqui, então eu tava lá no final do ano mas não queria falar isso pra eles lá, eu queria fazer isso na distância até pra eles terem um momento pra pensar e refletir, em vez de ficar um clima estranho entre todo mundo. Eu mandei um áudio longo pra eles, e meu pai não respondeu, acho que ele é mais fechado com relação a essas coisas, mas minha mãe respondeu e disse que tá tudo bem [...] Pra mim foi tranquilo, eu falo sobre isso com tranquilidade acho que exatamente por eu estar muito seguro de mim, isso me ajuda a falar sobre isso.

A partir deste relato de Gustavo, observa-se a importância das rodas como estratégia de coleta de dados, mas também enquanto campo fértil para coletivização de demandas e vivências similares ou distantes entre os/as participantes. Segundo Santos *et al.* (2018) e Monaco (2020), a roda de conversa entre pessoas bissexuais torna possível a partilha, validação e elaboração de experiências, de modo a nomear vivências anteriormente incompreendidas. Desta forma, a construção de rodas de conversa pode ser considerada tanto um ativismo político, a partir da coletivização de demandas, quanto uma promoção de saúde mental para a população bissexual. Assim, a partir do diálogo em roda, supõe-se que as discussões sobre o processo de revelação da própria sexualidade por Gustavo e a partilha das experiências de outros sujeitos neste contexto podem tê-lo ajudado a identificar como gostaria de sair do armário para seus pais e, também, auxiliado para que se sentisse em condições de enfrentar possíveis reações.

Deste modo, a partir dos relatos, observa-se como a sociedade contemporânea ocidental se configura de modo que “o estabelecimento de um determinado modo de ser no mundo forja-se a partir da negação de outros modos de ser, que não pode se dar senão por um processo de violência” (Veiga, 2018). Destaco, ainda, a importância da análise interseccional acerca das vivências de pessoas situadas como dissidentes da cisheteronorma, pois a relação entre diferentes marcadores sociais (etnia, gênero, classe, regionalidade, corporalidade, entre outros aspectos) implica em experiências e (im)possibilidades nos modos de ser e transitar de cada sujeito/a.

Assim, por exemplo, os/as sujeitos/as LGBTQIAPN+ negros/as serão, também, subjetivados e expostos a manifestações de violência interseccionadas à LGBTfobia, mais especificamente nesta pesquisa a bifobia, como também a outras lógicas de opressão que estruturam a vida em sociedade, como o racismo. Segundo Veiga (2018), a partir dos processos de colonização e escravização que caracterizaram a construção histórica do ocidente e, particularmente, do Brasil, a população negra foi e é submetida a dois processos de diáspora. O primeiro consistiu no sequestro dessa população para sua escravização em outros países e continentes, retirando-os de suas casas e realizando atos físicos e psicológicos violentos. Na primeira diáspora, essa população foi afastada de suas culturas, línguas, familiares, e comunidade. O segundo processo de diáspora ocorre aos corpos negros

LGBTQIAPN+, pois além de sofrerem a rejeição social de seus corpos negros, em uma sociedade configurada na valorização dos corpos brancos, também, em seus próprios coletivos, podem passar por rejeições, expulsões e estigmatizações, através da deslegitimação de sexualidades dissidentes em uma sociedade cuja norma imposta é a cisheterossexualidade. Esse processo de uma segunda diáspora, ou seja, de retirada e/ou estigmatização de suas comunidades, levam homens e mulheres negros/as LGBTQIAPN+ a vivenciarem sentimentos de não pertencimento, o que implica em consequências negativas, como, por exemplo, adoecimentos psíquicos.

Neste sentido, durante a primeira roda, a dinâmica realizada consistiu na escrita, por cada participante, da primeira palavra que relacionam à “sexualidade”. Durante essa dinâmica, Pedro, um homem pardo, escreveu “medo”. Posteriormente, quando discutimos as palavras escritas por cada participante, Pedro relatou que “a semana depois disso [revelação da própria sexualidade à família] foi uma semana de horror. Vim de uma família evangélica, então passei por muita violência.” Pedro, ao mesmo tempo em que demonstrava estar engajado na discussão, demonstrou certa dificuldade em se expressar neste momento, aparentando estar muito ansioso. Seu relato, acompanhado de reações emocionais, evidencia como as rejeições sociais de um modo de viver enquanto sujeito/a bissexual são violentas, e podem ter apresentado consequências diversas e adversas no modo com que Pedro se relaciona consigo e com sua sexualidade. Assim, a partir das experiências relacionadas à própria bissexualidade, que, como será discutida posteriormente, é relegada a um não-lugar, em função de sua dissidência da cisheteronorma, a rejeição social proveniente de grupos familiares e religiosos, anteriormente acolhedores na experiência de sujeitos/as negros/as, potencializa sentimentos de não pertencimento. Segundo Veiga (2018), tais vivências têm consequências na saúde mental, afetando processos de identificação, autoestima e os modos como se relacionam consigo e com os outros. Torna-se, assim, importante a preocupação por profissionais da psicologia brasileira com a saúde mental de sujeitos/as com sentimentos de não pertencimento intenso, como ocorre a tantas pessoas bissexuais negros/as com vivências como as relatadas por Pedro.

Ademais, dentro da comunidade LGBTQIAPN+, pessoas amarelas também têm suas vivências comumente invisibilizadas. As vidas de pessoas amarelas no

Brasil são também demarcadas pela diáspora decorrente dos processos migratórios do último século. Assim, no contexto brasileiro, sujeitos/as amarelos/as são cotidianamente tidos como estrangeiros, mesmo que tenham nascido no Brasil, sendo questionados/as sobre suas origens e/ou descendência, de modo a serem submetidos/as a comentários e agressões de cunho xenofóbico, os quais podem ser, por vezes, sutis ou mais escancarados. Esse contexto de violência e rejeição pode causar sentimentos de não-pertencimento e, neste sentido, Gabriel Yukio (2021, apud Kurihara e Baliscei, 2022) constrói o conceito, vivido por essa população, de “entrelugar”, que diz “[...] sobre um povo - normalmente em diáspora - que não se sente acolhido por sua terra natal nem pelo seu destino, estando em constante questionamento sobre seu lugar de pertencimento”. Nas rodas de conversa, as experiências de pessoas bissexuais amarelas não se fez presente, contudo, destaco a importância da realização de pesquisas atentas a este marcador social.

A partir da análise realizada, observei que a maior parte dos relatos explanados durante as rodas de conversa convergiram para a experiência da bissexualidade como um não-lugar ou um entrelugar. Nota-se que os processos coletivos de estigmatização da bissexualidade geram múltiplos efeitos psicossociais como este e outros que serão analisados a seguir.

A bissexualidade como abjeção: debates psicossociais

O reconhecimento da bissexualidade enquanto uma configuração subjetiva possível e legítima encontra obstáculos, pois, segundo Richard Johnson (1996, apud Louro, 2000), o dispositivo da sexualidade opera na racionalidade dos binarismos, em que os/as sujeitos/as podem ser enquadrados como homossexual ou heterossexual, feminino ou masculino, suas questões são situadas como privadas ou públicas, entre outros exemplos. Nesta perspectiva, a partir do imperativo do sistema de sexo-gênero, sentir-se atraída(o) por mais de um gênero se afirma como um desejo ininteligível e como um modo impossível de existência. Ademais, a partir dessa configuração social, a bissexualidade, quando considerada real, é vista enquanto uma identidade fragmentada, composta por dois lados supostamente distintos e dissonantes, um contemplado pela cultura heterossexual e o outro pela cultura homossexual.

Desta forma, no imaginário social não se considera necessária a existência de coletivos próprios de luta pelos direitos das pessoas bissexuais, nem de ferramentas próprias de compreensão da bissexualidade ou mesmo vocabulários específicos para essa população. Isso ocorre pois, partindo da visão excludente da bissexualidade, vista enquanto uma identidade fragmentada, estes elementos já seriam abarcados na construção binária que alicerça o sistema sexo-gênero, de modo que a bissexualidade seria composta e referenciada por dois lados distintos, um homossexual e outro heterossexual. Como consequência disso, há um apagamento da bissexualidade enquanto um modo de existência e orientação sexual, com suas próprias necessidades de luta por direitos, referências culturais e representatividades (Souza, 2021).

Além disso, “passabilidade sexual” é um termo utilizado na comunidade LGBTQIAPN+ para se referir à indivíduos que fazem parte da comunidade, mas que podem não ter a homossexualidade identificada por parcelas conservadoras da população, em função de não apresentarem características vistas enquanto pertencente à comunidade LGBTQIAPN+. Assim, neste processo, comumente pessoas bissexuais são identificadas a parâmetros cisheteronormativos, o que dificulta que seus desejos e relações afetivas/sexuais sejam compreendidos e/ou legitimados. Neste sentido, Tiê e Isis respectivamente relataram nas rodas sobre suas dificuldades de obter reconhecimento: “Acho que uma das coisas que me irrita é sempre ter que se reafirmar. Ouvir de pessoas que elas nunca me vêem ficando com homens, então como eu poderia ser bi?” (Tiê) e “Acho que uma das coisas difíceis para mim relacionadas à bissexualidade é a reafirmação, sempre estar precisando se reafirmar bi”. (Isis)

Estes relatos me fazem pensar sobre como pessoas bissexuais vivenciam no cotidiano relações em que o olhar alheio presume, com frequência, outra orientação que não a bissexualidade. Neste sentido, segundo Eisner (2013, apud Souza, 2021), a lógica dominante enxerga e situa o gênero e a sexualidade enquanto formas de existência inseparáveis, de modo que, por exemplo, um homem que agir de forma inesperada daquilo que é nomeado como masculinidade será visto socialmente enquanto homossexual, mesmo que este não seja o caso, e o mesmo ocorre com mulheres que se expressam e tem comportamentos previstos enquanto “masculinos”. Assim, para sujeitos/as que se identificam enquanto bissexuais, o

fenômeno da passabilidade é complexo e ambíguo, em função de que estes são comumente vistos enquanto heterossexuais, quando se expressam e agem de forma condizente com o sistema hegemônico, e, quando agem de forma não esperada para seu gênero, são identificados enquanto homossexuais. Tal correlação se evidencia no relato de Aurélio: “Eu sinto que precisa ter uma heteronormatividade para ser aceito, se eu for mais afeminado do que eu sou ou do que eu já fui, não sei como seria para mim”

O relato evidencia como o gênero e a sexualidade são situados socialmente enquanto modos de existência inseparáveis, em que Aurélio, ao performar de modo “inesperado” para seu gênero situado socialmente como masculino, é também tido enquanto dissidente da norma cisheterossexual. Esse processo indica, também, que a bissexualidade dificilmente será presumida por olhos alheios em função da maior parte da população ser subjetivada a partir do sistema dominante de sexo-gênero, que reafirma que existem apenas duas orientações sexuais distintas, opostas e estáticas, a heterossexualidade e a homossexualidade. Além disso, a fala de Aurélio também indica uma preocupação acerca das possíveis violências e estigmatizações sob as quais pode ser submetido ao se expressar de modo ininteligível à norma cisheterossexual.

Ademais, com frequência, ocorre a invisibilização e/ou estigmatização da bissexualidade, a qual é vista enquanto uma ponte que proporciona mais facilmente a identificação do indivíduo enquanto homossexual, sendo considerada uma “fase” ou um período de confusão (Gómez; Arenas, 2019; Souza, 2021). Durante as rodas, o relato de Gustavo evidenciou esse processo: “Recentemente eu tenho ficado mais com homens. Esses dias meu amigo perguntou para mim ‘Será que você não está se descobrindo gay?’, eu disse que não”. Através da fala de Gustavo, é possível notar como a bissexualidade é circunscrita e deslegitimada, muitas vezes, como uma fase temporária, não sendo reconhecida como uma configuração existencial única e dissonante da homossexualidade e da heterossexualidade.

Outrossim, a noção de estigma foi amplamente debatida por Goffman (1988, p.4) como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”, por este estar envolto em um sistema que reafirma noções de normalidade. Segundo Souza (2021, p. 51), o movimento bissexual caracteriza e dá visibilidade a bifobia, vivenciada amplamente por pessoas bissexuais enquanto

[...] práticas de marginalização, de enquadramento em estereótipos, de descrédito que invisibilizam e estigmatizam pessoas bissexuais e a própria bissexualidade como uma categoria de orientação sexual existente

Nesta perspectiva, nas rodas de conversa relatos convergiram acerca de processos de estigmatização da bissexualidade, principalmente associando esta a noções de promiscuidade.

Uma tia minha é lésbica, casada, e teve uma vez que eu estava com elas e a esposa da minha tia disse que quem é bissexual tem mais chances de trair, como se pessoas bi fossem promíscuas. Isso não tem nada a ver, traição é sobre caráter da pessoa, e não orientação. Às vezes nem na comunidade LGBT a gente é aceito. (Gustavo)

Eu fazia festas em casa e iam pessoas diferentes, as pessoas ficavam, e um dia conversei com a minha mãe sobre o que rolava nas festas e ela disse que entendia eu gostar de um ou de outro, mas dos dois já era promiscuidade [...] Sei que não dá pra falar com ela sobre isso. (Tiê)

Em seus estudos, Gómez e Arenas (2019) explicam a noção de monossexualidade situada como hegemônica, que caracteriza expressões de sexualidade em que os indivíduos se relacionam romanticamente e se sentem atraídos sexualmente apenas por um gênero. Desta forma, a bissexualidade contrapõe este modelo normativo, exatamente por desestabilizar termos binários de sexualidade que estruturam a sociedade e que tornam possível a interpretação da monossexualidade enquanto processo universal vivenciado por todos os indivíduos (Gómez; Arenas, 2019). Além disso, em função da validação direcionada apenas às sexualidades monossexuais, a estigmatização e rejeição sofrida por bissexuais ocorre tanto em meios cisheterossexuais quanto em meios em que há prevalência da comunidade LGBTQIAPN+, de modo que o movimento bissexual considera a bissexualidade uma orientação monodissidente (Paveltchuk; Borsa; Damásio, 2020; Souza, 2021). Nota-se efeitos dessa invalidação da bissexualidade como uma configuração subjetiva possível no relato de como Laura se sente: “A gente sente que tem algo de errado com a gente, como se não conseguisse escolher um e precisasse”

O relato de Laura evidencia como a bissexualidade, enquanto uma configuração existencial monodissidente, é tida enquanto ininteligível. Nesse sentido, seu relato também demonstra como a socialização regulada a partir do sistema sexo-gênero e seus parâmetros binários limitam a compreensão da própria sexualidade. Segundo Paveltchuk, Borsa e Damásio (2020) e Souza (2021), estudos

têm demonstrado que, devido a esse processos de estigmatização da bissexualidade, sujeitos/as bissexuais apresentam maiores índices de confusão identitária em comparação com as comunidades gay e lésbica. Essa confusão apareceu nos relatos enquanto uma dificuldade de compreensão da própria sexualidade enquanto monodissidente e, em alguns casos, um sentimento de “apagamento” e “deslegitimação” da própria bissexualidade por sujeitos/as que se relacionam atualmente com pessoas do sexo oposto, como se não fossem vistos enquanto bissexuais ou não se sentissem desse modo. Isso pode ser visto na fala de Laura quando diz: “Agora que eu namoro um homem, eu sinto um apagamento da minha bissexualidade como se isso não fosse parte dela também, mais uma parte de mim”. Pedro também relatou dificuldades de compreensão da própria sexualidade: “Sinto uma dificuldade de entender por completo minha sexualidade, é um não-lugar de muita angústia, de não saber onde estou. E a bissexualidade não é um não-lugar, a sociedade que designa dessa forma”.

Além disso, a população bissexual encontra dificuldades para encontrar e manter redes de apoio social, menor frequência e maior demora para tornar pública a própria identidade sexual, bem como apresentam altas incidências de psicopatologias, ideação e tentativas de suicídio em comparação com as comunidades gay e lésbica (Borsa; Damásio, 2020; Souza, 2021). A partir dos relatos que surgiram nas rodas de conversa, foi possível notar que a maioria dos participantes apresentava dificuldades em sair do armário e afirmar sua existência bissexual, como é possível notar nos relatos de Laura, Martina, Flora e Giulia Nettari, respectivamente:

(...) eu ainda não contei que sou bi pros meus pais, não sei qual seria a reação deles, pode ser boa ou pode ser ruim. Não sei também como seria pra minha família, contar para eles que sou bi enquanto namoro um homem.

(...) acho que, pra mim, a minha dificuldade de sair do armário agora foi exatamente isso, porque eu ainda não me sinto completamente segura sobre essa parte de mim, acho que ainda to tentando entender um pouco, experimentando, observando o que eu gosto e não gosto.

(...) não tenho muita vontade de ter essa conversa com a minha família porque eu já sei que o que viria depois não seria legal, queria evitar isso.

(...) meus pais são muito religiosos, cresci dessa forma, sinto que não tenho vontade de contar assim pra minha família, mas não tento esconder quem eu sou.

Ademais, alguns relatos também problematizaram sobre as dificuldades de os/as participantes se sentirem compreendidos quando se assumem enquanto uma pessoa bissexual. Neste sentido, é uma preocupação para Laura se ela será compreendida ao se assumir bissexual, em função de atualmente namorar alguém do sexo oposto. Uma preocupação similar surgiu no relato de Lola, que disse:

Sinto essa questão da família ter uma esperança de que eu me relacione com homens. Hoje em dia eu namoro um homem, e é estranho para mim porque eu saí do armário como algo, e hoje eu sou vista de outra forma.

Gustavo, em sua participação nas rodas, também relata como vivenciou as reações alheias de não compreensão após expressão da própria sexualidade: “Um dia minha mãe me disse: ‘Por que você não fica só com meninas?’”.

Neste sentido, Pedro, em sua participação nas rodas de conversa, também relatou sua preocupação em ser compreendido ao sair do armário:

Quando eu saí do armário, eu sabia que não entenderiam se eu dissesse que sou bi, então saí do armário enquanto gay. Sentei com as pessoas e olhei elas nos olhos e disse que eu sou gay

A partir dessa fala, é possível notar como a bissexualidade é tida socialmente enquanto um modo de existência considerado ilegítimo e ininteligível, em função da falta de aparatos simbólicos que a posicionem enquanto uma sexualidade possível e cuja existência é única e não fronteira.

Nota-se, além disso, que enquanto as pessoas monossexuais LGBTQIAPN+, a partir do processo de “sair do armário”, tendem a encontrar na comunidade LGBTQIAPN+ alguns pares acolhedores e referências que condizem com suas vivências, a população bissexual apresenta maior dificuldade de encontrar essas mesmas condições após a revelação de sua identidade. Dessa forma, além da homofobia vivenciada em lugares e grupos que partem de lógicas cisheteronormativas, a própria comunidade LGBTQIAPN+ é marcada pela falta de acolhimento às/aos bissexuais enquanto uma sexualidade monodissidente, de modo que sentimentos de não pertencimento e solidão se fazem novamente presentes na experiência desses sujeitos/as (Souza, 2021). Neste sentido, o participante Tiê, em uma das rodas, disse que

Às vezes eu chamo meu primo hétero pros rolês mais alternativos que eu gosto e ele não vai. Eu fui na formatura dele, com pessoas de terno e algo mais formal que não é muito meu estilo, mas fui, enquanto que nos meus rolês ele não vai. Eu sinto às vezes que são como caixinhas essas coisas, em que uma hora você tá em uma, e outra hora você tá em outra, não é algo estático. Até a comunidade LGBT é meio assim, a comunidade LGGGGGGGBT, com referências mais divas pop que não me identifico muito

Em sua fala, é possível notar que Tiê enxerga os modos de viver e de se relacionar com as pessoas e com o mundo como algo que não é estático e sim, orgânico e fluido. Neste sentido, ele se revolta com seu primo heterossexual que não explora outros ambientes que não o seu, quanto também observa como a própria comunidade LGBTQIAPN+ tende a também ser estática em alguns aspectos, como a partir da tendência a dar maior visibilidade para a comunidade Gay, como expressa quando diz, repetindo a sigla G diversas vezes, *“Até mesmo a comunidade LGBT é meio assim, a comunidade LGGGGGGGGGBT, com referências mais divas pop que não me identifico muito”*. Neste sentido, Tiê expressa que as próprias referências culturais que são vinculadas ao coletivo LGBTQIAPN+ como um todo, não condizem com sua população de modo geral, circunscritas em outras siglas, expressando certa invisibilização e sentimento de não pertencimento à comunidade. Esses processos de invisibilização e estigmatização de pessoas bissexuais pela comunidade LGBTQIAPN+ pode ser expressa de outras formas, como foi encontrado no levantamento bibliográfico, como questionamentos frequentes da bissexualidade enquanto uma sexualidade possível por sujeitos/as de outras sexualidades dissidentes, como foi possível identificar na fala de Gustavo, apresentada anteriormente, em que sua tia, lésbica, associa a bissexualidade com promiscuidade.

No processo de desenvolvimento da bissexualidade, segundo estudos realizados por Gómez e Arenas (2019), os/as sujeitos/as passam por sensações intensas de estresse, ansiedade, medo e vulnerabilidade, culpa pelos próprios desejos, entre outros sentimentos e condições que prejudicam o bem-estar subjetivo. Outrossim, os/as bissexuais se sentem inadequados em função de não se identificarem com identidades monossexuais que circulam de modos amplos e legitimados na vida em sociedade (Gómez; Arenas, 2019). Há também o estresse que pode ser vivenciado pela ocultação da identidade sexual e o preconceito internalizado que também pode ocorrer à população bissexual (Pavelitchuk; Borsa;

Damásio, 2020). Ademais, a falta de referências e representatividade bissexual acarreta na ausência e/ou dificuldade de identificações com vivências de outras pessoas que tornem possível a validação das experiências vividas, o que atrapalha a compreensão da própria sexualidade. As consequências disso consistem em dificuldades no processo de autodescoberta, o que intensifica esses sentimentos de solidão, falta de compreensão sobre si, não pertencimento, entre outros (Souza, 2021), assim como evidencia o relato de Laura:

(...) acho que por falta de representatividade, tem pouca simbologia sobre o que seria uma bissexualidade, a gente mesmo não tem essa noção. Mas é muito legal conhecer outras pessoas bi e ver o quanto é diverso e que existem pessoas assim

Assim, o “não-lugar” da bissexualidade em meio à cisheteronormatividade e à mononorma a caracteriza enquanto fronteira, entre a homossexualidade e heterossexualidade. Uma das consequências deste processo, além das já citadas, é de que a bissexualidade passa a ser indecifrável aos olhos dos outros, ou seja, não apresenta marcas no corpo, comportamentos estereotipados e/ou uma estética que a identifique (Souza, 2021).

Porém, essa falta de discernimento e precisão sobre quem é e quem não é bissexual, e sobre preferências sexuais desses sujeitos/as, caracteriza a potência subversiva desta sexualidade. Segundo Yoshino (2000, apud Souza, 2021), a bissexualidade é motivo de ansiedade para a cisheteronorma, pois, a partir da existência bissexual, seria impossível que pessoas heterossexuais provem sua heterossexualidade e, assim, assegurem seu lugar de privilégio na sociedade. Ademais, uma outra reflexão possível a partir da bissexualidade consiste na não diferenciação entre os gêneros, começando a partir do desejo e partindo para outros âmbitos da vida, o que ameaça a lógica binária do sistema sexo-gênero. Segundo Souza (2021, p. 143),

se, por um lado, tanto o reconhecimento quanto o acolhimento são escassos, por outro, é possível que tecer identidades nas fronteiras das sexualidades propicie existências mais plurais, desestabilizando a segurança dos rótulos e das aparências prescritas.

Em consonância, Shiri Eisner (2013, apud Souza, 2021) afirma que a perspectiva sobre a bissexualidade enquanto uma configuração sexual fronteira enfoca seu movimento e fluidez. Assim, por mais que estar na fronteira implique em

sentimentos de desconforto, não pertencimento, insegurança e solidão, entre outros exemplos, este “não-lugar” pode se tornar potência de transformação e mudança social, ou seja, torna-se campo fértil para questionamentos e confronto com a norma. Desta forma, sujeitos/as bissexuais, a partir de seu “não-lugar”, criam lugares possíveis para existir e resistir, rompendo com as lógicas limitantes da sociedade. Segundo Yoshino (2000), este seria o principal motivo para o apagamento da bissexualidade pelo sistema hegemônico (apud Souza, 2021).

Vale ressaltar, ainda, que cada experiência no processo de identificação com a bissexualidade é singular, podendo ou não ser transpassada por elementos até então expostos aqui. Ademais, segundo Paveltchuk, Borsa e Damásio (2020), o apoio social e acessibilidade a informações que retratem experiências construtivas da bissexualidade têm impacto positivo no bem-estar subjetivo dos sujeitos/as, e torna sua relação com a própria identidade bissexual mais saudável e prazerosa.

Considerações Provisórias

Assumir uma existência homossexual ou bissexual é visto por Louro (2000) enquanto um ato político. A partir de processos de identificação e autonegação das sexualidades não-heterossexuais, ocorre o tensionamento de identidades comumente definidas pela sociedade como fixas e dicotômicas. Logo, esta pesquisa parte da importância de nomearmos a norma, assim como nos ensina Jota Mombaça (2021), problematizando parte das violências que se articulam em coletivos/comunidades. Porém, entendo também as relações coletivas como campos em que narrativas díspares coexistem em disputa. Assim, me parece que as coletividades também contribuem para que os/as sujeitos/as LGBTQIAPN+ compartilhem experiências, identificações e lutas. Neste sentido, Leite (2024, p. 155) relata:

[...] Meu processo de me reconhecer enquanto uma mulher negra bissexual acontece por meio da experiência e do compartilhamento em coletivo, onde, ao ouvir as vivências e histórias contadas, eu me identifico, percebo e nomeio meus atravessamentos e aprendo com as relações estabelecidas e firmadas

Segundo Leite (2024), a experiência coletiva de partilhar histórias implica na possibilidade de compreensão das próprias trajetórias e experiências de vida, possibilitando processos de autonegação das vivências e violências sob as quais corpos dissidentes são comumente submetidos. Desta forma, a bissexualidade

expressa desejos plurais e possíveis, sendo fundamental desconstruir estigmas associados a essa expressão de sexualidade.

Em consonância com o texto de Leite (2024), Collins (1990, p. 213) analisa que “nomear se torna uma maneira de transcender as limitações das opressões interseccionais”. Situo, assim, a importância das práticas psicológicas neste debate, pois estas, quando situadas de modos críticos e localizados, possibilitam condições para as pessoas bissexuais nomearem sensações, situações e violências vivenciadas no cotidiano. A partir deste processo, cria-se terreno fértil para a construção de mundos outros, onde a relação com a própria bissexualidade, seja qual for sua configuração, possa existir com autonomia e prazer.

Referências

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: Conhecimento, Consciência e Política de Empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 08/2022, de 17 de maio de 2022**. Estabelece normas de atuação para profissionais da psicologia em relação às bissexualidades e demais orientações não monossexuais. Conselho Federal de Psicologia, 2022. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-8-2022-estabelece-normas-de-atuacao-para-profissionais-da-psicologia-em-relacao-as-bissexualidades-e-demaais-orientacoes-nao-monossexuais?origin=instituicao&q=bissexualidade>. Acesso em: 20 ago. 2026.

EISNER, Shiri. **Bi**: notes for a bisexual revolution. Berkeley: Seal Press, 2013

FIGUEIRÊDO, Alessandra A. F.; QUEIROZ, Tacinara N. de. **Utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 16-20 set., 2013, Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 2013, p. 1-10.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal editora, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. 4ed. Tradução: Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GÓMEZ, Juan Pablo Perera; ARENAS, Ysamary. Desenvolvimento da identidade bissexual. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, nº 5, p.1669-1678, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018245.04382019>. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1001798>. Acesso em: 30 jul. 2025.

JOHNSON, Richard. "Sexual dissonances: or the 'impossibility' of sexuality education". **Curriculum studies**. v. 4, n. 2, p.163-189, 1996.

KURIHARA, Julia Tiemi, BALISCEI, João Paulo. "Japonesa, abre o olho": racismo, xenofobia e misoginia contra mulheres amarelas. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n° 69, p. 273-293, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2022.65978>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/65978>. Acesso em: 30 jul. 2025.

LEE, Caroline Ricca, SHIMABUKO, Gabriela Akemi, HIGA, Laís Miwa. Feminismo Asiático. In: Holanda, Heloisa Buarque de. (Org.). **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.325-342.

LEITE, Aline S. Q.; OLIVEIRA, Rodrigo C. L. de. Encruzilhadas de mim: O percurso de pertencimento a partir da escrivência de uma mulher negra bissexual em Belém-PA. **Temáticas**, Campinas, v. 32, n° 64, p.142-161, 2024. DOI: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v32i64.18635>. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/18635>. Acesso em: 30 jul. 2025.

LOURO, Guacira. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

MANSANO, Sônia R. V. Alguns desafios colocados para a pesquisa qualitativa na contemporaneidade. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 12, n° 136, p.01-09, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/18400>. Acesso em: 30 jul. 2025.

MONACO, Helena Motta. Acolhimento como ativismo: ações de um coletivo bissexual na criação de espaços "monodissidentes". **Simbiótica**, Vitória, v. 7, n. 3, jul.-dez., pp. 228-251, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47456/simbitica.v7i3.33701>. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/simbiotica/pt_BR/article/view/33701. Acesso em: 20 ago. 2026.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOURA, Adriana B. F., LIMA, Maria da G. S. B. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 23, n° 1, p.98-106, 2014. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/448>. Acesso em: 30 jul. 2025.

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira, BORSA, Juliane Callegaro, DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. Apoio Social, Resiliência, Estresse de Minorias e Saúde Mental de Mulheres Lésbicas e Bissexuais. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 25, n° 3, p.403-414, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712020250301>. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1135738>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SANTOS, Cinthya Giselle Coutinho Oliveira dos *et al.* Da invisibilidade ao reconhecimento: experiência de roda de conversa e validação da bissexualidade em São Paulo. **Boletim do Instituto de Saúde - BIS**, São Paulo, v. 19, n. 2, pp. 77-85, 2018. DOI: 10.52753/bis.2018.v19.34594. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/bis/article/view/34594>. Acesso em: 20 ago. 2026.

SOUZA, Jamilie Santos de. **Tecendo identidades nas fronteiras: o vestir em narrativas de mulheres bissexuais**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24785>. Acesso em: 30 jul. 2025.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro De Letras**, Salvador, v.12, n° 1, p. 77-88, jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.35499/tl.v12i1.5176>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176>. Acesso em: 30 jul. 2025.

YOSHINO, Kenji. The epistemic contract of bisexual erasure. **Stanford Law Review**. Palo Alto, USA, v. 52, n. 2, 1 jan. 2000.

SEXUALITY AS A DISPOSITIF:

the (im)possibilities to experience within bisexuality

Abstract

Based on Foucault's concept of sexuality as a dispositif of control and bisexuality as a dissidence expression from the cisheteronormative norm, this study analyzes the experiences of university students who identify as bisexual, with an emphasis on the psychosocial effects of the stigma these individuals face in everyday life. Using a qualitative methodology and conversation circles, four meetings were held with students from the State University of Londrina, specifically within the institution's Community Well-being Service. The analysis of participants' narratives is organized around two thematic axes: sexuality as a dispositif of control, and the psychosocial effects of bisexuality stigmatization processes. The study concludes that the ethical role of psychology in this context involves naming the discourses that frame bisexuality through a biphobic lens, as well as addressing their effects on how bisexual individuals experience and relate to their sexuality.

Keywords: gender. Bisexuality. Psychology.

Agradecimentos: As autoras agradecem à agência financiadora Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq por apoiar a construção do presente artigo.

Agência financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

Contribuições das pessoas autoras: Ambas as autoras contribuíram para a escrita do rascunho original, revisão e edição do texto e análise dos dados, de modo que ACRT ficou responsável pela coleta de dados.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação: O artigo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina pelo parecer 6.844.604 e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anteriormente ao início de coleta de dados.

Conflito de interesses: Na construção do presente artigo não houveram conflitos de interesse.

Declaração de utilização de Inteligência Artificial: O uso da plataforma de Inteligência Artificial *Chat GPT* foi realizado com o intuito único de realizar a tradução preliminar do resumo para a língua inglesa, tendo esse uso sido feito no dia 25 de julho de 2025.

Pessoa autora correspondente: Ana Clara Ramazzotti Totti, Universidade Estadual de Londrina (UEL), ana.clara.totti@uel.br, Rodovia Celso Garcia Cid, PR-445, Km 380 - Campus Universitário, Londrina - PR, 86057-970; Prof. Dra. Flávia Fernandes de Carvalhaes, flavia.carvalhaes@uel.br, Rodovia Celso Garcia Cid, PR-445, Km 380 - Campus Universitário, Londrina - PR, 86057-970.

Recebido em: 31/07/2025

Aceito em: 06/08/2026